



---

**[Recensão a] RÜPKE, Jörg. Religion in Republican Rome: Rationalization and Ritual Change**

**Autor(es):** Rosa, Claudia Beltrão da

**Publicado por:** Universidade Federal do Rio de Janeiro

**URL persistente:** URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/33034>

**Accessed :** 2-Jul-2022 21:33:41

---

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.





# PHOÏNIX

*Maquad X*



2012

## RESENHA

---

**RÜPKE, Jörg. Religion in Republican Rome: Rationalization and Ritual Change.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2012, 321p.

*Claudia Beltrão da Rosa*<sup>\*</sup>

Há quase quarenta anos, em sua aula inaugural no Collège de France,<sup>1</sup> Paul Veyne declarou que a história só existe em relação às questões que lhe colocamos, e se perguntou que questões fazer ao passado. Para ele, o ofício do historiador comporta dois aspectos: a erudição e a conceptualização. De um lado, a problemática; de outro, a lide com a documentação. Manejar os conceitos e as técnicas de pesquisa, escapando à facilidade superficial em que vivemos, permite-nos rever preconceitos sobre uma suposta “universalidade” das ideias e dos comportamentos. No Brasil, historiadores em geral aprenderam a “lição”, e é quase consensual a ideia de que é assim que se deve escrever a história, mas, no afã da conceptualização, afastaram-se cada vez mais da erudição. Para além das dificuldades trazidas por um “produtivismo” que grassa nos meios acadêmicos, nefasto a qualquer pesquisa não importa em que área ou lugar, é cada vez maior a preocupação com modelos e teorias, e menos tempo é destinado ao tratamento cuidadoso da documentação. O estudo, o treinamento e a aplicação de métodos e técnicas de pesquisa são descuidados, e essa deficiência tem-se tornado gritante.

Para antiquistas em geral, esse desequilíbrio do binômio *problemática/erudição* suscita reservas. Como lidar com a documentação e problematizá-

---

<sup>\*</sup> Professora associada de História Antiga da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio.

-la, se não se é capaz de verificar os dados ou não se é capaz de abstrair ideias e conceitos a partir de documentos? Um trabalho impreciso, ou feito de segunda mão, a partir das conclusões de outros historiadores, não leva a nada senão a um impasse, pois, mesmo com excelentes conceitos, os resultados são poucos – e questionáveis – ao simplesmente se reinterpretar a interpretação de outros. A construção do conhecimento em História Antiga requer que lancemos mão de vários recursos da erudição, de um sólido conhecimento da documentação, *antes* que possa ser formulado um novo questionamento, uma nova problemática.

O novo livro de Jörg Rüpke (Max Weber Kolleg – Universität Erfurt), um dos maiores especialistas em religião romana, pode ser lido como um exemplo do equilíbrio entre conceptualização e erudição. **Religion in Republican Rome: Rationalization and Ritual Change**, publicado no primeiro semestre de 2012 - novo título da série *Empire and After*, editada por Clifford Ando, outro nome de destaque nos estudos de religião romana –, é fruto de anos de lide com *corpora* documentais complexos e de um grande esforço de conceptualização, baseados no diálogo e no debate constante com outros especialistas e estudiosos da religião e da história romana no tradicionalmente chamado “período republicano”.

O livro reúne diversos estudos do autor, publicados em artigos entre 2001 e 2012, dentre os quais algumas referências para o estudo da religião romana como: “Triumphator and Ancestor Rituals Between Symbolic Anthropology and Magic (**Numen**, 53, 2006), “Rationalizing Religious Practices: The Pontifical Calendar and the Law” (na coletânea organizada por Olga Couperus, **Law and Religion in the Roman Republic**, Mnemosyne Suppl, 336, 2011), “Religion in the *Lex Ursonensis*”, estudo que recebeu duas versões, a primeira nas atas do congresso **The Impact of Imperial Rome on Religions, Ritual and Religious Life in the Roman Empire**, 5th Workshop of the International Network Impact of Empire, editadas por L. de Bois, P. Funke e J. Hahn pela Brill, 2006, e a segunda na coletânea editada por Rüpke e Ando, **Religion and Law in Classical and Christian Rome**, Steiner, 2006, e “Varro tria genera theologiae: Religious Thinking and the Late Republic” (**Ordia Prima**, 4, 2005). Tais estudos foram reelaborados a partir de um esforço de síntese centrado na ideia expressa nas primeiras frases da obra, a qual também indica seu recorte temporal:

*A religião romana, como a conhecemos, é em grande parte o produto da República média e tardia, do período compreendido entre a vitória de Roma sobre seus aliados latinos em 338 a.C. e a tentativa dos povos itálicos, na Guerra Social, de estancar a dominação romana, resultando na vitória de Roma sobre toda a Itália em 89 a.C. Impelida pelas próprias mudanças na estrutura e na natureza da aristocracia romana, a religião romana consolidou, canalizou e delimitou tais mudanças.*

O livro em observação não é uma obra para principiantes : para uma iniciação à religião romana, Rüpke publicou um excelente manual (que exige, contudo, conhecimentos prévios em história e literatura romana), intitulado **Religion of the Romans**, em 2007, pela Polity Press (Cambridge). Em **Religion of the Republican Rome**, o autor cruza informações e conclusões de seus estudos de quase duas décadas, visando à análise do que denomina *racionalização*, definida como um processo de abstração de regras e princípios da prática, que se torna objeto de um discurso especializado, codificado e rigorosamente elaborado, com regras de argumentação, espaços específicos e instituições que guiam a conduta político-religiosa e as inovações nessas práticas. Nas palavras do autor: *racionalização é a sistematização da prática* (p. 3). Vemos, aqui, uma releitura do conceito weberiano de *racionalização*, que o autor realiza com visível cautela, pois os pressupostos weberianos no campo da religião não são mais aceitos sem críticas. Expurgadas cuidadosamente as premissas monoteístas que fundamentavam o pensamento de Weber, Rüpke torna seu modelo interpretativo útil – como devem ser os modelos interpretativos, que não são bons nem ruins *a priori* – para a análise que realiza, operada em dois movimentos: a análise do que chama *racionalização instrumental*, seguida da *racionalização teórica* da religião romana.

Tal modelo permite ao autor não apenas analisar comparativamente mudanças ocorridas entre fins do século IV e meados do século I a.C., mas – e especialmente – permite-lhe concentrar a atenção do leitor nas conexões e diferenças entre distintas mudanças institucionais e culturais, e os grupos que as promoveram.

O livro é dividido em três partes, após um capítulo inicial no qual o pano de fundo da religião romana arcaica é delineado. Nesse primeiro capítulo, em que os dados do registro arqueológico são o destaque, discute-se também o

problema da pertinência da utilização da documentação textual (tardia) para o estudo da religião romana na chamada “República arcaica”. A primeira parte, com quatro capítulos, tem como foco os ritos públicos, especialmente as inovações no triunfo, nas procissões, nos jogos circenses e nos jogos cênicos, delimitando as “arenas da comunicação”, suas *performances*, seus atores e suas audiências, como o autor os apresenta. Neles se delineia uma incipiente sistematização das práticas religiosas – interpretadas por Rüpke como um processo de racionalização das mesmas – no quadro da expansão territorial e imperial no Mediterrâneo e das mudanças institucionais e das interações culturais na *urbs*, especialmente com cidades helenísticas, no “longo século III a.C.”, ou seja, de fins do século IV ao início do século II a.C.

A segunda parte traz também quatro capítulos, e é dedicada ao primeiro aspecto do tema central do livro: a *racionalização instrumental* da linguagem do ritual, observando-se o estabelecimento de regras na República média, o incremento da escrita e a sistematização das práticas e instituições em leis, calendários, e a competição aristocrática visando à posse e ao uso desses elementos. O desenvolvimento dos *fasti* como um discurso coerente e rigoroso sobre o tempo social e religioso, o surgimento da história escrita em Roma promovendo uma reflexão de um novo tipo sobre a religião e, por fim, a tentativa de se estabelecer o lugar da religião numa *colonia*, por meio da *lex Ursonensis*, são temas de destaque.

A terceira, com três capítulos, traz o tema da *racionalização teórica* da religião romana pelo viés da análise de novos gêneros teóricos, o anti-quarianismo e a filosofia, com ênfase no delineamento dos instrumentos analíticos dessa literatura especializada, passando à análise de fragmentos de dois escritores, Ênio e Varrão, como importantes índices da mudança religiosa. Por fim, um capítulo sobre o tratamento filosófico da religião romana por Cícero encerra essa parte, seguido de um capítulo final que sintetiza as conclusões das seções anteriores, inter-relacionando mudança cultural e interações culturais, no qual expansão e recepção, consolidação de novas elites e a construção de novas *imagines mundi* são temas revisitados, apontando a centralidade da *religio romana* como indicador da mudança histórica.

Operando com conceitos-chave como *mudança cultural* e *comunicação política*, Rüpke lança mão de uma grande variedade de documentos – apesar de certa predominância da documentação textual, mesmo quando fragmentária –, destacando aqueles que apoiam sua ideia de que o desenvol-

vimento e a sistematização das práticas religiosas, sua captura pelos *media* religiosos da comunicação política das elites romanas, sua teorização e a paulatina institucionalização da produção do conhecimento legal, literário e filosófico, foram protagonistas do processo de mudança cultural na cidade tornada *caput mundi*. Para sistematizar seus dados, o autor busca identificar os contextos de produção e de *performance* de sua vasta documentação a partir das conclusões de diversos estudos anteriores e de uma bibliografia ampla e atualizada, em que pese a preocupação com as recentes revisões e releituras que estudiosos da tradicionalmente chamada Roma “republicana” vêm promovendo e a consolidação e amadurecimento dos estudos de religião romana como área de estudos por direito próprio - em países europeus e nos EUA, pois no Brasil, pesquisas sobre a religião romana ainda são raras, bem como o interesse da maior parte dos antiquistas está voltado para o chamado “período imperial”.

Como dissemos, não se trata de uma obra para principiantes, mas uma sistematização – ou *racionalização* – de estudos desenvolvidos por um historiador que sabe aliar a erudição necessária ao tratamento rigoroso de uma documentação vasta e variada, o diálogo interdisciplinar, conceitos operatórios bem ajustados aos seus fins e um modelo interpretativo sólido e surpreendentemente atual, possibilitando a construção de uma problemática que lhe permitiu escapar às interpretações “teleológicas” e aos “leitos de Procusto” causados pela “miragem” do *imperium romanum*, que dificultam – ou mesmo impedem – o estudo da Roma “republicana”.

---

## Notas

<sup>1</sup> A aula inaugural citada foi publicada em 1983, no Brasil, pela Editora Brasiliense, sob o título “O inventário das diferenças”.